



SENADO FEDERAL

REQUERIMENTO Nº 1.173, DE 2007

Requeiro nos termos dos artigos 218, inciso VII e 221 do Regimento Interno do Senado Federal inserção em ata de voto de pesar pelo falecimento, na última sexta-feira, dia 12, do ator Paulo Autran, aos 85 anos, vítima de um enfisema pulmonar, bem como apresentação de condolências à sua mulher, a atriz Karin Rodrigues.

Justificativa

Fecharam-se as cortinas, apagaram-se as luzes! O teatro está de luto! Perdeu um dos seus maiores expoentes, o "Senhor dos Palcos", o ator Paulo Autran, que dedicou 57 anos da sua vida à arte de interpretar e como ele próprio se definia era um homem do teatro:

"Sempre fui e sempre serei um homem de teatro. Quem é capaz de dedicar toda a sua vida à humanidade e à paixão existentes nestes metros de tablado, esse é um homem de teatro." Na voz de Paulo Autran, essas palavras foram ouvidas nos palcos de dezenas de cidades brasileiras no espetáculo "Liberdade, Liberdade", de 1965, síntese da resistência contra o regime militar.

Paulo Paquet Autran nasceu em 7 de setembro de 1922, no Rio de Janeiro, mas foi criado em São Paulo, onde se formou em direito, por insistência de seu pai, que era delegado de polícia. Consagrado ator de teatro, cinema e televisão, ele deixou sua marca em todas as mídias.

Ele chegou aos 85 anos, no dia 7 de setembro, no palco, brilhando como protagonista de "O Avaro", a 90.^a peça de sua carreira - com direito a uma saudação especial no dia de seu aniversário quando a platéia que lotava o teatro Cultura Artística cantou "Parabéns pra você". Além do teatro, participou ainda de filmes, entre eles um ícone do cinema nacional, o "Terra em Transe", de Glauber Rocha, teleteatros e novelas na televisão.

Ao atuar pela primeira vez numa novela, ele já tinha alcançado prestígio e popularidade - seu nome era reconhecido nacionalmente - por sua atuação nos palcos. Viajou por todas as regiões brasileiras, apresentando desde tragédias gregas e shakespearianas a peças brasileiras em quadras e sob lonas de circo. Seu reconhecimento nacional pelo teatro é considerado uma proeza - atuou em apenas três novelas. E não só porque os tempos mudaram. Essa trajetória é original, única, mesmo dentro de sua geração.

Curiosamente, sua estréia profissional só se deu aos 27 anos, no dia 13 de dezembro de 1949, no Rio de Janeiro, na peça "Um Deus Dormiu Lá em Casa", de Guilherme Figueiredo. Nessa peça, contracenava com a atriz Tônia Carrero, responsável pelo convite ao ator amador, que ela vira num palco de Copacabana, atuando na peça "À Margem da Vida", de Tennessee Williams. Apesar da data de sua estréia profissional, quase ao fim da temporada anual, Paulo Autran ganhou os principais prêmios de ator daquele ano. "Não foi bom para mim. Era muito imaturo e, na época, fiquei completamente idiotizado", contou em entrevista ao Estado de São Paulo.

Fã de Dulcina de Moraes, freqüentava teatro desde os oito anos de idade. Naquela época, o palco era tomado pelos grandes atores, de gestos "grandiloqüentes", voz impostada. O movimento amador veio para mudar não só a hierarquia em cena, passando a dar igual valor a atuação, direção, iluminação e cenário, como também para mudar um estilo de representação. E o temperamento de ator de Autran - rigoroso na técnica, sóbrio, elegante, capaz de criar modulações de voz, de intenções e de gestos no limite da filigrana, adequava-se como uma luva às novas exigências do palco.

Advogado, formado na tradicional Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo. Como muitos jovens de sua época ele estreou no Teatro Brasileiro de Comédia -TBC em 1946 como amador, antes da profissionalização da casa fundada por Franco Zampari.

Ficou no TBC, de 1951 a 1955, onde atuou em 18 peças, em pouco mais de quatro anos, entre elas "Antígona", de Sófocles; "Seis Personagens em Busca de um Autor" e "Assim é se lhe Parece", de Luigi Pirandello; "Mortos sem Sepultura", de Sartre e "Leonor de Mendonça", de Gonçalves Dias.

Em 1956 decidiu fundar sua própria companhia com Tônia Carrero e Adolfo Celi na qual estréia no papel de "Otelo". Foi um verdadeiro sucesso. Logo depois de desfeita a companhia dirigida por Celi, Autran atuaria no musical "My Fair Lady", outro estrondoso sucesso. Em seguida, viria "Liberdade, Liberdade" e "Depois de Queda", de Arthur Miller, "Édipo Rei", "O Burguês Fidalgo" e "Morte e Vida Severina", todos grandes sucesso de público.

"Uma coisa aprendi nesses anos todos de teatro. Não há regras", diria Autran em entrevista sobre os percalços da profissão. Sim, porque após essa série de sucessos, a coisa mudaria de figura. "Veio uma série de montagens mornas. Não eram um grande sucesso, nem um grande fracasso. De alguma forma, parecia que eu só fazia o já esperado de mim", disse certa vez.

No início da década de 70, pela primeira e única vez na sua vida, Autran afastou-se do palco durante seis meses. "Precisava pensar o que estava acontecendo na minha carreira.", disse. Chegou à conclusão de que ser a um só tempo ator e produtor atrapalhava. Decidiu então oferecer-se ao diretor Antunes Filho. Foi assim, sob a batuta de Antunes, na peça "Em Família", de Vianinha, em 1972, que recuperou seu bem-sucedido casamento com o palco. E nunca mais parou.

Mesmo fumando muitos cigarros diários, vício que lhe valeu algumas pontes de safena, Paulo Autran ostentava disposição invejável. Se não estava atuando, podia ser visto quase todo fim de semana na platéia dos teatros paulistanos. Jamais deixou de acompanhar a cena teatral.

Os mais jovens, aqueles que não tiveram a oportunidade de vê-lo em muitos desses grandes papéis certamente ainda puderam comprovar o seu talento nos seus últimos trabalhos. Por exemplo, na detalhada composição para o velhinho judeu da peça "Visitando o Senhor Green". Os mais ousados, que esperavam no camarim após o espetáculo para um abraço ao ator, invariavelmente surpreendiam-se com a diferença entre Autran e seu alquebrado Sr. Green.

Paulo Autran cuidou sim de aprimorar o modelo de interpretação minucioso, o que pôde se ver na montagem de "O Avarento", seu último trabalho no palco.

O mesmo cuidado ele também tinha ao escolher seus textos. Quando da escolha da peça "Liberdade, Liberdade", de Millor Fernandes, que estreou em abril de 1965, no Rio de Janeiro, numa produção do grupo Opinião e do Teatro Arena de São Paulo, e que tinha no elenco além dele, Paulo Autran, Nara Leão, Oduvaldo Vianna Filho e Tereza Raquel (participação especial), ele assim se justificou:

"Tenho quinze anos de teatro. Só há pouco tempo atingi uma posição profissional que me permite escolher os textos que vou representar. Poder interpretar num mesmo espetáculo, farsa, drama, comédia, tragédia, textos íntimos, épicos, românticos, é tarefa com que sonha qualquer ator, principalmente quando os autores se chamam Shakespeare, Beaumarchais, Büchner. Brecht. Castro Alves. Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meirelles, Manuel Bandeira, Sócrates... A responsabilidade é pesada, o trabalho é árduo; mas o prazer, a satisfação de viver palavras tão oportunamente concatenadas, ou tão certas, ou tão belas, compensa tudo. Se o público compreendê-las, assimilá-las e amá-las, teremos lucrado nós, eles, e o País também. Se isso não acontecer a culpa será principalmente minha, mas pelo menos guardarei dentro de mim a consoladora idéia de que tentei. Por isso escolhi a Liberdade...".

No filme "O ano em que meus pais saíram de férias", dirigido por Cao Hamburger, Paulo Autran desempenha o papel de avó do menino Paulo, que vivia no bairro do Bom Retiro em São Paulo, um papel breve mas brilhante.

Por fim segue um pequeno trecho da peça "Liberdade, Liberdade" declamado por Autran:

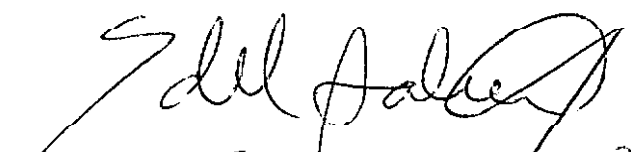
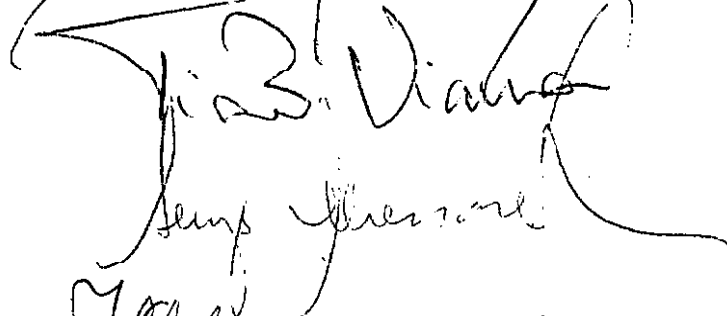
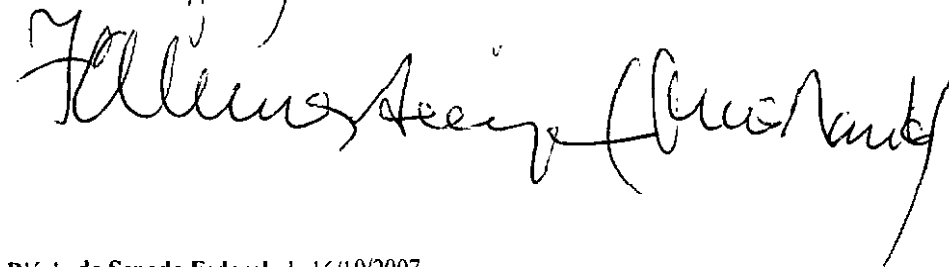
"Sou apenas um homem de teatro. Sempre fui e sempre serei um homem de teatro. Quem é capaz de dedicar toda a vida à humanidade e à paixão existentes nestes metros de tablado, esse é um homem de teatro. Nós achamos que é preciso cantar - Agora, mais que nunca, é preciso cantar. Por isso:

Operário do canto, me apresento
sem marca ou cicatriz, limpas as mãos,
minha alma limpa, a face descoberta,
aberto o peito, e expresso documento
a palavra conforme o pensamento.
Fui chamado a cantar e para tanto
há um mar de som no búzio de meu canto.
Trabalho à noite e sem revezamentos.

Se há mais quem cante, cantaremos juntos;
Sem se tornar com isso menos pura,
A voz sobe uma oitava na mistura.
Não canto onde não seja a boca livre,
Onde não haja ouvidos limpos e almas
afeitas a escutar sem preconceito.
Para enganar o tempo ou distrair
criaturas já de si tão mal atentas,
não canto... Canto apenas quando dança,
nos olhos dos que me ouvem, a esperança".

Sala das Sessões, 15 de outubro de 2007.


Senador Eduardo Matarazzo Suplicy

Publicado no **Diário do Senado Federal**, de 16/10/2007.